

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA

**22^a REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
BRASÍLIA, 16 A 19 DE JULHO DE 2000**

**FÓRUM DE PESQUISA 15:
SIMPÁTICA ANTROPOLOGIA: EMPATIA E ANTIPATIA NA PRÁTICA ANTROPOLÓGICA.
PROXIMIDADE E DISTÂNCIA COM RELAÇÃO AO OBJETO DE PESQUISA**

**Coordenadores e Debatedores:
Livio Sansone (UERJ)
Michel Agier (ORSTOM/CNRS)
Rosário de Carvalho (UFBA)**

Uma das formas, talvez a principal, utilizadas pelos antropólogos para estabelecer um diálogo com seu objeto de pesquisa tem sido a procura de empatia com a situação e o comportamento deste. Isso tem sido mais manifesto na pesquisa realizada em sociedades complexas. Na prática do trabalho de campo, o antropólogo quer amar seu objeto, e quer ser querido por ele. Trata-se de uma procura que visa tornar o antropólogo num, digamos assim, *ethnic insider*. Os limites da observação participante, desde sempre algo relativo, se tornam nestes casos mais flexíveis ainda. Essa procura por empatia e simpatia, presentes em diferentes estilos etnográficos, inclusive naqueles que preferem se definir de 'dialogicos', pode render imagens e discursos não acessíveis por outros meios, mas traz consigo algumas importantes conseqüências. Em primeiro lugar, no esforço de descrever seu objeto de forma simpática, o antropólogo não somente tende a descrever 'sua' comunidade ou grupo objeto de pesquisa com algo mais homogêneo, integrado e harmônico de como ele seria descrito por outros olhares, mas ele pode até se tornar num dois mais prestigiosos - e prestigiados - porta-vozes da comunidade, grupo ou religião em questão. Em segundo lugar, esta simpatia antropológica é bastante seletiva como salienta a preferência pelo povos e causas 'apolíneas' presente entre muitos dos pais e mães da antropologia como Ruth Benedict, Margaret Mead, Ruth Landes, Melville Herskovits e Roger Bastide. É preciso discutir esta problemática, se livrando da visão do mundo romântica que o acompanha - feita de dicotomias e oposições binárias - na convicção que, hoje, a antropologia está sendo vítima do jogo do essencialismo étnico e cultural - um jogo por todos nós abominado, mas que a própria antropologia tem, em muitos casos, ajudado a criar. Esse Fórum apresenta contribuições originais de uma variedade de pesquisadores, júnior e sênior, de diferentes universidades e que pertencem a circuitos diferentes. Será dada ênfase particular ao caso do estudo da etnicidade e da religião. Os temas abordados vão desde o antropólogo em trance até o antropólogo como porta-voz étnico, os pró e contra da condição de *ethnic*

insider no caso dos descendentes de Japonês, passando pela relação antropólogo-índio no Nordeste, o autêntico 'caso de amor' de alguns antropólogos estrangeiros com os afro-brasileiros chegando à sincera antipatia que muitos pesquisadores nutrem para os novos pentecostais.

ROGER BASTIDE E A ÁFRICA NO BRASIL: POESIA E CONVERSÃO.

Fernanda Arêas Peixoto (Unesp/Araraquara)

ANTROPOLOGIA (ANTROPÓLOGOS) E ÍNDIOS NO NORDESTE.

Maria Rosário de Carvalho (UFBA)

PIERRE VERGER, TRAJETÓRIA DE VIDA E PESQUISA ANTROPOLÓGICA.

Iara C. P. Rolim (Unicamp)

NEM PERTO DEMAIS, NEM LONGE DEMAIS: ETNOGRAFIA E ENGAJAMENTO INTELLECTUAL

Michel Agier (ORSTOM/CNRS)

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E ESCRITA ETNOGRÁFICA: A PESQUISA ANTROPOLÓGICA EM COMUNIDADES RELIGIOSAS AFRO-BRASILEIRAS

Vagner Gonçalves da Silva (USP)

PERSPECTIVAS SOBRE A PRODUÇÃO DA “CULTURA BAIANA”.

Osmundo de Araujo Pinho (Unicamp)

UMBIGO AMBÍGUO

Elisa Massae Sasaki (Unicamp)

DE EMBRANQUECIDOS A CONSUMIDORES: O DISCURSO SOBRE ASCENSÃO SOCIAL DOS NEGROS NO BRASIL.

Angela Figueiredo (IUPERJ)

DE ÁFRICA A AFRO: ANTROPÓLOGOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS E A "COMODITIZAÇÃO" DA CULTURA NEGRA NO BRASIL.

Livio Sansone (UCAM/UERJ)

A ANOMIA SOCIAL DO PESQUISADOR NEGRO. LIMITES PARA EMPATIA E ANTIPATIA NO CAMPO DE PESQUISA

Ari Lima (UFBA/UnB)

GÊNERO – CAMPO DE ENCONTROS E DESENCONTROS

Alda Britto da Motta (NEIM/UFBA)

DO TERREIRO AO CLAUSTRO ACADÊMICO: AS VICISSITUDES DA CONSCIÊNCIA DO ANTROPÓLOGO.

Rita Segato (UnB)

***ETHOS* ACADÊMICO E VALORES PENTECOSTAIS: SOCIÓLOGOS E ANTROPÓLOGOS EM DEBATE?**

Patricia Birman (UERJ)

SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO: EIS UMA ÁREA IMPURAMENTE ACADÊMICA.

Flavio Pierucci (USP)

A CENA POLÍTICA DO XANGÔ DO RECIFE.

José Jorge de Carvalho (UnB)

NATIVOS DE PAPEL. ALGUMAS POSSIBILIDADES DE COMPARAÇÃO EM TORNO DA NOÇÃO DE “TRABALHO DE CAMPO”, EM HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA.

Cláudio Costa Pinheiro (MN/UFRJ)

UMA DISCRIÇÃO TENSA

Lígia Dabul (MN/UFRJ)

O PRETO VELHO E A HERANÇA AFRICANA

Eufrázia Cristina Menezes Santos (UFS)

EMIGRANTES BRASILEIROS PARA OS EUA E A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

Gláucia de Oliveira Assis (UDESC/Unicamp)

GILBERTO FREYRE: «LES INTERMITTENCES DU COEUR». (DA ENDO-ETNOGRAFIA A AUTO-ANTROPOLOGIA).

Antônio Motta (UFPE)

NEM EXÓTICO, NEM FAMILIAR: PESQUISADORES E MILITANTES EM TORNO DOS QUILOMBOS

Alecsandro J. P. Ratts (USP)

FAZENDO PESQUISA COM OS NOSSOS PARES

Christina de Rezende Rubim (UNESP/Marília)

A IMPORTÂNCIA DA ANTROPOLOGIA VISUAL NAS ETNOGRAFIAS ANTROPOLÓGICAS.

Simone Simões Ferreira Soares (UFC)

PESQUISA ANTROPOLÓGICA E COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL.

José Sávio Leopoldi (UFF)

FIQUE FRIO ! UMA ATITUDE DIFÍCIL DE MANTER NESSES TEMPOS DE MUNDIALIZAÇÃO.

Emmanuelle Kadya TALL (IRD/CEA/EHESS)